JANEIRO. MDCCCXCV.

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.

N.º 9 * SETEMBRO * 1899

5.º ANNO 1895 1899 SÉRIE 3.ª

J. J. Moreira, des.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO : *A guerra contra as ordens religiosas: em Italia, França, Hespanha e Portugal; D. Quichote de lança em riste.—A proposito da questão Dreyfus: salamaleques das Loj.·. a Loubet; mysterios; Dreyfus franc-mação; uma reunião extraordinaria do Gr.·. Or.·. de França. — Riqueza fabulosa dos judeus. — Um piparote na maç.·. hollandeza.*

Tem-se notado que a imprensa republicana e jacobina, ha tempo a esta parte, vem redobrando de sanha e furor na guerra sem treguas contra as ordens e congregações religiosas. E o que se passa em Portugal, passa-se igualmente, em maior ou menor escala, em todas as nações latinas. Ora esta recrudescencia geral do ataque será producto do *acaso*, ou será effeito de algum plano habilmente combinado?

Não tenho duvida alguma em pronunciar-me pela segunda parte do quesito. A maçonaria empenha-se n'este momento n'uma lucta de vida ou de morte contra as ordens religiosas. Em Italia prepara as leis draconianas — até hoje, felizmente, ainda só em projecto — com que o ministerio Pelloux pretende excluir do direito commum os membros das corporações religiosas, tornando-os inhabeis para adquirir quaesquer bens, em commum ou individualmente, por doação, herança, compra ou qualquer transacção. Pretende-se fazer vingar uma legislação que, no dizer do correspondente romano de *La Croix*, torna absolutamente impossivel a existencia das instituições religiosas. Como specimen de tolerancia e liberdade... não acho mal lembrado.

Em França a desastrada questão Dreyfus, da qual o sectarismo quiz fazer uma questão religiosa, apresentando o estado maior e officiaes do exercito francez mancommunados com os jesuitas, para levarem a cabo a condemnação do judeu, precisamente porque é judeu e não porque é traidor. Não estavam seguros do exito do estratagema e lançaram mão de outro, que não podia falhar: inventaram as calumnias infames de que foi alvo o irmão Flamidiano — um religioso — e intentaram conspurcal-o, attribuindo-lhe acções innominaveis e inconfessaveis infamias, das quaes foi julgado innocente, por sentença unanime d'um tribunal.

Ao mesmo tempo a seita fazia-se ouvir no parlamento francez, por bocca d'um mandatario inconsciente das lojas, reclamando a interdicção total do ensino aos membros de institutos religiosos e propondo fôsse prohibido o exercicio do magisterio a todas as pessoas que houvessem feito voto de castidade. (!) E, no entanto, os tribunaes da republica condemnavam, por attentados contra o pudor, commettidos nas pessoas de seus alumnos, muitos outros professores, — leigos no estado, e mais leigos ainda nos costumes — os quaes, sem duvida, não haviam feito voto de castidade...

Falhou tambem o plano; comtudo, a seita.·. não tem descurado o assumpto. Téem-se já inventado novos Flamidianos, mas a Providencia tem permittido sempre a confusão dos sectarios e triumpho completo da verdade calumniada.

Em Hespanha o gr.·. M.·. da maç.·. hespanhola, o I.·. Morayta, coadjuvado pelo I.·. Blasco Ibañez, propõem no parlamento a expulsão dos jesuitas, e demais ordens e congregações religiosas. E' verdade que o parlamento acolheu com gargalhadas a proposta do façanhudo caudilho maçonico-republicano; mas a proposta estava feita, e a significação d'ella ninguem a podia attenuar.

E nos tumultos provocados pelas medidas fazendarias de Villaverde, os primeiros furores da populaça amotinada pelos republicanos, eram dirigidos contra os collegios dos jesuitas, que a seita fazia passar como alliados do governo no empenho de escorchar a pelle e beber o sangue do povo.

Em Portugal a campanha tem sido principalmente travada na imprensa, — á falta de outra arena mais a proposito. Os orgãos da seita véem todos os dias recheados de provocações contra as ordens religiosas, e convidam á lucta as suas hostes. «E' a palavra d'ordem», confessava o outro dia a *Vanguarda*, orgão official da maç.·. E é de notar como nenhum dos jornaes republicanos e jacobinos de Lisboa e Porto, com muitos outros das Provincias, deixou de accudir á *palavra d'ordem*, emanada das lojas.

De tudo se lança mão e todos os expedientes servem para o ataque; e assim é que o *Seculo* vem publicando em folhetins uma historia falseada do Marquez de Pombal, e *A Vanguarda* publica, tambem em folhetins, a historia ainda mais deturpada e falseada, dos *Mysterios da Inquisição*.

E a matilha maçonico-liberaleira applaude com ambas as mãos o estendal de mentiras que dia a dia alli se vão estadeando, com gaudio e satisfação dos papalvos, tão ignorantes como mal intencionados!

A proposito d'esta campanha contra as ordens religiosas, e como amostra da má fé e espirito sectario a que ella obedece, queiram dar-se ao trabalho de ler a seguinte local, publicada, ha tempo, na *Vanguarda*:

«*Contra a reacção.* — Já em tempos dissemos que, ao passo que a subscripção para tuberculosos só tinha attingido a quantia de 68 ou 69 contos de réis, a snr.ª D. Julia Crespo, de Leiria, resolvera contribuir, da sua algibeira, com a somma de 70 (!!) contos para a edificação de um convento n'aquella cidade, succursal do Varatojo.

«Hoje chega-nos nova provocação de Barcellos:

«A bella propriedade do finado Antonio Mendanha Arriscado foi vendida, para n'ella ser estabelecido um collegio, dirigido por padres jesuitas.

«Onde iremos parar por este caminho? A reacção avança, a reacção cresce, a reacção desenvolve-se entre nós, de hora para hora, de momento para momento, de uma maneira pavorosa e assustadora.

«Não vêem isto os poderes publicos! Não reparam para isto os particulares, todos os que téem familia a defender, um lar a proteger!

«Onde chegaremos, com a criminosa conniven-cia dos poderes publicos, n'um assumpto, que envolve a honra de todos os liberaes portuguezes?

«Acceitamos o repto. A lucta travar-se-ha, e de uma maneira decisiva.

«Ante o miseravel attentado, crêmos sinceramente que nem um só cidadão portuguez hesitará, no cumprimento do dever».

Está muito assustadiço o snr. Magalhães Lima. Então, illustre cidadão, a liberdade, igualdade e fraternidade é monopolio da seita? Então quando vier a republica, não será cada um senhor de dispor do seu dinheiro como quizer, sem dar satisfações a nenhum Magalhães Lima? Então os mandarins do governo republicano são meros administradores e fiscaes dos bens alheios?

A Nação commenta com muito chiste:

«Dar 70 contos para um convento! Isso pode fazer-se em quasi todos os paizes mais e menos civilisados do mundo, mas cá os nossos republiqueiros! Esses são outra raça de gente e de *liberaes*. Phariseus e Tartufos da liberdade é que elles são! Mas promettem muito e fica subentendido que o dinheiro dos cidadãos ha de ser gasto á vontade d'elles... *et cœtera e tal!*.....

«Comprar a quinta do Arriscado! Que horror, que audacia! está claro. Isto é d'elles e talvez já algum tivesse de olho aquella quinta. *Il y a des accommodements avec les principes.* E n'este caso e intro-

5.º ANNO — N.º 9 | 3.ª SERIE | SETEMBRO — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

Questão religiosa.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: A Ordem Terceira.— Acção franciscana. — Palestras familiares. — Santo Protector para o mez de outubro. — Virtude a imitar. Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: Um episodio da vida de D. Bosco.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Novos Membros da Pia União. — Braga. — Lisboa. — Varatojo. — Vinhaes. — Nova Gôa. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos. — Estrangeiro.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O Homem. — Phases da vida *(poesias)* Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: Egreja dos Clerigos (Porto). — Um enterro nas Catacumbas. — Nossa Senhora da Penha (Guimarães). — Capella de Santo Amaro (Sabrosa).

Questão religiosa

«Seria bom entrar na estrada que eu traçara para restituir á religião a sua salutar influencia? Creio que sim. Assimilando-se o espirito de nossas instituições, compenetrando-se da sciencia do seculo, retemperando-se as virtudes da fé com as da caridade, attingir-se-ia seguramente a balisa. Vivemos em tempo de muito precisarmos tolerancia e misericordia».

Chateaubriand, *O Gen. do Christ. Pref.*

É uma verdade historica que todas as questões sociaes se resumem ou téem por motivo o problema religioso — o unico capaz de emocionar os homens. Todas as crises europêas, todas as nossas revoluções, são, no fundo, bem mais religiosas que politicas. O proprio Fundador do christianismo viu em um relance toda a humanidade agitada, quando a si se chamou a pedra de escandalo. Terrivel verdade, mas todavia verdade!

E' para notar que o mundo antigo, abstraindo a lucta contra o deismo dos judeus, e o mundo pagão actual, como o Oriente, não nos apresenta o espectaculo cruento de formidaveis luctas religiosas, como a Europa. Se ajuntarmos a isto, o facto de ellas se darem com mais insistencia e virulencia em paizes catholicos, poder-se-ha inferir como a Mentira procura destruir a Verdade.

A Europa, com effeito, atravessa a maior das suas crises e das mais perigosas, muito mais terrivel que a do seculo dos martyres, por dois moti-

vos: 1.º porque não encontra os christãos dos primeiros seculos; 2.º porque a Europa christã está materialmente enfredada aos inimigos do christianismo, como na idade média estava ao poder espiritual da Egreja. Porisso o problema torna-se muito mais complexo.

O mundo pagão com que a Egreja teve de luctar até á Reforma era no geral um mundo de paixões, mais pervertido no sentimento que nas idéas. Não havia a irreligião systematisada, como hoje; e nem os Lucrecios os Catulus, os Arios, eram lidos pelo vulgo, hoje avido de saber e leviano em discutir. Acrescente-se agora os meios actuaes de communicação e os poderosos instrumentos de propaganda, e vêr-se-ha que nunca a Egreja de Jesus se viu em combate tão arduo e terrivel. Parece o fim dos seculos. O que ao principio era odio e luxuria, hoje é tudo isto e mais a impiedade *scientifica*. A Roma dos Cesares perseguia por instincto, mais de conservação do que pela convicção do polytheismo, já abalado pelos seus melhores philosophos. Na época actual é a propria Europa christã, apostata e orgulhosa, que levanta a mão contra a doutrina do Crucificado.

Haverá peór flagello do que este? Governo, instituições, o Direito, a sciencia, a arte, a industria, a philosophia emfim, tudo, se paganisou. Voltamos para traz a olhos vistos; e não é de admirar que ao abandono dos israelitas por causa da sua infidelidade, succeda outro tanto aos paizes christãos, por igual motivo. Trocaram-se os papeis: a nossa mãe espiritual é a Revolução, e a Roma christã passou a ser a *intangibile* das seitas. Comtudo, Deus não abandonará a sua Egreja, embora os povos vão fugindo do *suave jugo* da Lei. Virá o arrependimento aos homens, e a Europa fatigada voltará ao redil de Jesus Christo? Quem se atreverá a responder cathegoricamente a esta pergunta? O que, porém, já parece inevitavel aos pensadores é a lucta sangrenta prestes a estalar. Quem vencerá?...

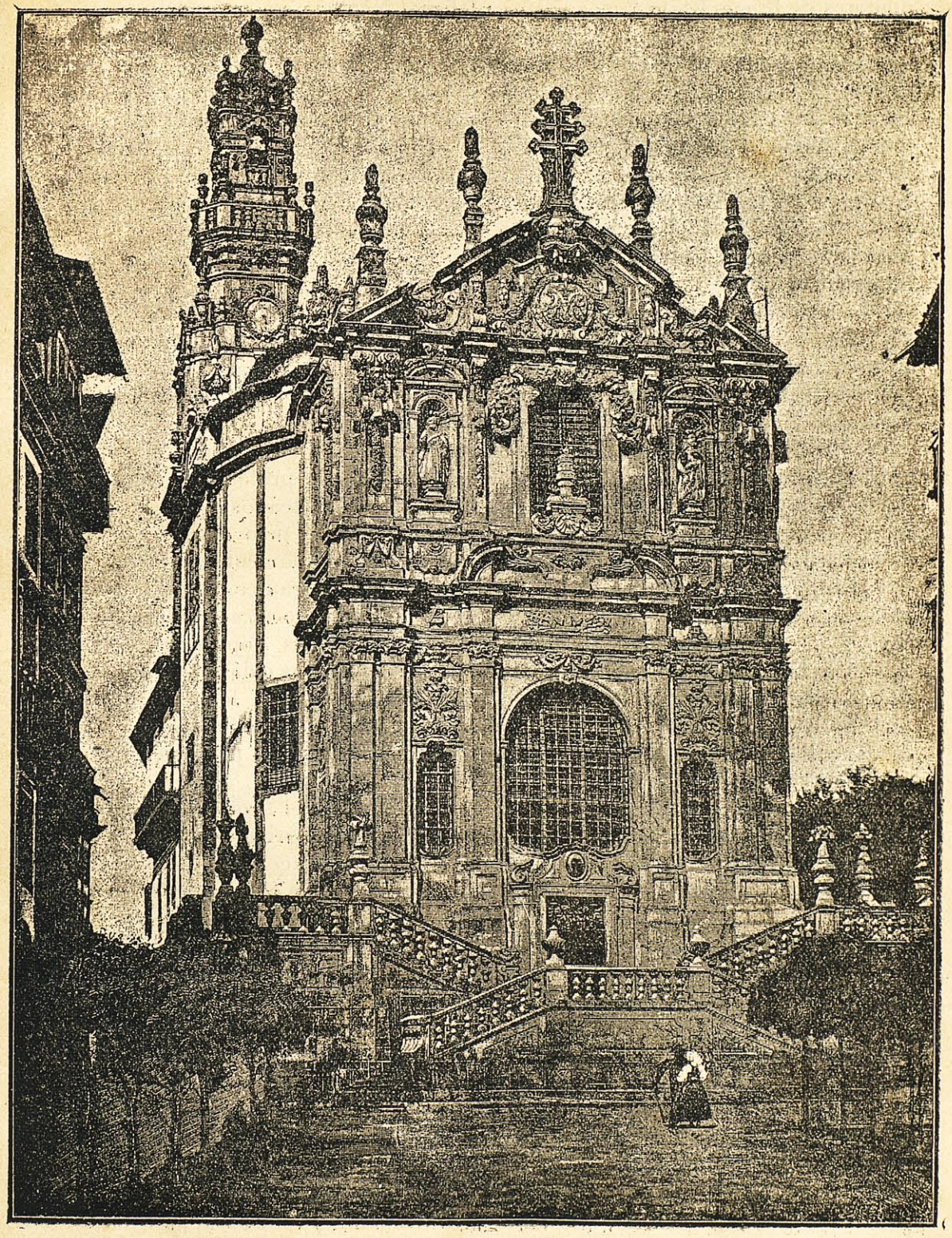
Isto está dependente dos meios de acção a empregar; e vê-se como a Providencia tem em Leão XIII o luctador adequado. Na virtude e cooperação, porém, dos filhos da Egreja está para mim o melhor penhor de melhores dias. Só no arrependimento e na fé viva, na sinceridade dos nossos actos e na inteireza dos nossos costumes é que póde e deve estar a regeneração do seculo vindouro.

Mas convem aprofundar a questão religiosa actual, e procurar as causas que a tornam de difficil solução.

Além de causas moraes, que são a origem de todo o mal social, as sociedades contemporaneas são actuadas por factores desconhecidos ou apenas esboçados nos tempos anteriores ao nosso. Quero referir-me ao trabalho e á riqueza, á producção e ao consummo.

Em primeiro logar o trabalho moralisador do campo foi substituido pela actividade fabril, que pela economia da força organica, pelo excesso da producção e escassez de mercados; pela promiscuidade, pela relativa facilidade de commodidades ou utilidades etc., acabou por enervar o homem e tornal-o inapto para os labores da agricultura. De modo que em um futuro proximo, as fabricas darão um contingente de milhões de seres famintos e destituidos de virtudes, já pela vida facil que levaram, já pelo regimen desmoralisador das grandes cidades.

Serão amanhã peores que os gla-



EGREJA DOS CLERIGOS (PORTO)

diadores de Roma. Basta lêr os costumes commerciaes de Spencer, para vêr quanto o homem hodierno é inferior ao homem de qualquer idade. Na fraúde e embuste commercial perdeu-se toda a dignidade humana. Se os Luculus e os Crassos de Roma comiam por luxo os caracoes e as lamprêas sustentadas a carne humana, o alcoolismo e a falsificação dos generos alimenticios por tal modo envenenou o organismo humano, que nunca se viu tanto *microbio* a roer-nos a vida. E a saude do corpo é uma condição quasi indispensavel para a saude da alma.

O credito e o systema bancario, maravilhosas invenções do espirito humano, vieram ajuntar mais um elemento perturbador no modo de ser das sociedades contemporaneas. Aguçou o apetite desordenado das riquezas, criou a ociosidade e fomentou o luxo. Por esta Europa fóra, e até na America, ha riquezas fabulosas a par de miserias formidandas. Em vez de uma Roma, temos hoje algumas, nas quaes milhares de ricaços vivem sardanapalescamente!

Estas são as causas materiaes da crise. Variou, pois. como se vê, generalisando-se, não só o regimen do trabalho, da chrematistica e do modo de viver, mas tambem o criterio intellectual e moral. A producção mudou de terreno e de meios, arrancando o homem á vida frugal e moralisadora dos campos, para o lançar faminto e corrompido na arena de reivindicações brutaes. Os soldados da revolução futura contam-se por milhões e armam-se, não de escopetas e piques, mas de dynamite e de apparelhos electricos! São homens pervertidos, servidos pelos segredos da Sciencia, que nem hes matou a fome, nem os tornou felizes! Não são apenas famintos ou doidos como os *jaks* ou os *sans-colottes*; estão intellectualmente preparados nas escolas, marcham com a convicção e despresam a morte.

Eis o quadro terrivel, que se desenha no horizonte da Europa. Terrivel, e parece quasi invencivel, mesmo aos olhos dos optimistas.

*
* *

Vimos já como as condições materiaes da vida hodierna actuam no modo de ser moral das classes operarias, condições quasi insubstituiveis porque constituem um mundo novo. A actividade fabril e commercial criou uma geração de proletarios que, moralmente desnorteados e physicamente depauperados pelo excesso de trabalho, desvairadamente se entregam ás mais extravagantes utopias, com o corpo corroido do *virus* civilisador.

Compare-se as populações ruraes com as das nossas cidades, e vêr-se-ha que estamos muito longe d'aquelle aspecto sadio, forte e calmo, que tanto nos encanta ao percorrermos os campos.

Seria possivel fazer voltar para o campo, para a agricultura, tantos milhares de infelizes, que passaram a ser os escravos da civilisação suffocante de nossos dias? Eu creio que sim

Se os governos tentassem formar colonias agricolas, quer no reino, quer no ultramar, com tantos braços ociosos que abundam nos centros populosos, teriam materialmente mudado as condições de existencia a tantos seres votados á desgraça e á perdição. Bastava o regimen agricola á maneira do que os jesuitas implantaram no Paraguay ou outros religiosos praticaram por essa Europa barbara, para tornar felizes milhares de portuguezes. Mas

em nada d'isso se pensou n'este nosso meio egoista, ignaro e essencialmente politico. *Words! Words! Words!*

A par d'este trabalho util e de alto alcance governativo, fôra necessario criar em as nossas freguezias ruraes o meio adequado á natural expansão do sentimento religioso do povo. O povo portuguez vive ainda da fé dos seus antepassados por um milagre da Providencia que assim realça o cunho divino da nossa religião.

Vastas regiões ha que nunca viram o seu Prelado; em muitas freguezias a vida do parocho é uma affronta viva aos sentimentos piedosos da massa popular. Pullulam os maus exemplos, os escandalos, com grave detrimento da religião; e muita vez o povo vê que é exactamente o mau padre o que mais valiosa protecção encontra nas altas regiões ecclesiasticas.

Parece tudo conjurado para dar cabo da fé de Jesus Christo. O povo vive na triste aridez de um ritualismo sem espirito, nem unção; ouve por vezes sermões pomposos e assiste a festas ruidosas; mas em vão suspira pela palavra calma e consoladora do Evangelho; em vão procura no luzimento do culto aquella gravidade, paz e doçura de outras eras. As egrejas desmanteladas, o snr. prior a banhos ou tratando de eleições, toda a poesia, emfim, do christianismo reduzida a mero formalismo, frio e caro!

Por outro lado o fisco a arrancar-lhes a pelle, a fome a amargurar-lhes o lar, o trabalho a exauril-os... A que reduziram este povo a imbecilidade governativa e a politiquice clerical!

O povo desamparado pelo poder civil, que só se lembra d'elle nas eleições sem o pão do espirito no que o clero devêra ser prodigo, só ouve a voz seductora do mal, que o convida á larga estrada da perdição.

A fome convida-os á revolução e os cirios civis para a impiedade. Como deve ser terrivel o dia em que o povo, sem crenças nem pão, vingar a agiotagem governativa e a falta de zêlo e caridade de tantos pastores de almas!

Não bastam discursos, jornaes, polemicas: *o espirito é que vivifica.*

Reunam-se os bispos, congregue-se o clero, e na fé e no amor de Jesus Christo redimam as almas, que Deus lhes confiou. Em todas as crises religiosas desde os albigenses até a Reforma, a Egreja com os seus santos, renovaram pelo exemplo e pela virtude a seiva inexgotavel de que é dotada a santa e magnifica Instituição do christianismo.

Escuros e sanguinarios são os odios que já refervem; horrivel é a condição moral e intellectual das sociedades contemporaneas; fortes e duras as armas dos inimigos da religião... e só com muita caridade, com muito sacrificio e abnegação, com verdadeira fé e piedade é que se poderá restituir a paz e o confôrto a tantas consciencias perturbadas ou obcecadas.

Eis a unica maneira efficaz de resolvermos a nossa crise religiosa, que ameaça subverter-nos.

F. Ayalla.

SECÇÃO DOUTRINAL

A ORDEM TERCEIRA

II

Vista a inanidade das objecções que muitos contrapõem ás repetidas instancias com que Leão

XIII tem recommendado a Ordem Terceira, como instrumento infallivel de rechristianisação social, demos um breve relance ás conveniencias positivas que derivam de tão prestavel instituição.

A Egreja faz-lhe a honra de a considerar como uma verdadeira Ordem religiosa; e n'esta qualidade, já vimos nos artigos precedentes quanto ella se remonta acima de todas as demais instituições similares, congregações, associações, irmandades, confrarias, etc. Está enriquecida com um thesoiro inapreciavel de indulgencias e graças espirituaes; são-lhe mesmo concedidas todas as graças e privilegios que até aqui eram pertença exclusiva das Ordens primeira e segunda. Sob este ponto de vista, não póde haver mais a desejar.

Mas — e é isto que precisamente constitue a sua preeminencia e incontestavel supremacia — leva bem mais longe a sua acção, proporcionando a seus membros meios faceis e seguros de santificação pessoal, communicando-lhes o fogo sagrado do zêlo pela salvação do proximo, alentando-os e exforçando-os á pratica da caridade, por meio de obras de beneficencia, de catechese, de instrucção, etc. Sobre este ponto, porém, muito temos insistido já e a elle se refere principalmente quanto aqui se tem escripto no longo espaço de quasi quatro annos.

Hoje limitar-me-ei a considerar a Ordem Terceira como meio de acção para um Parocho, e as vantagens que de sua installação pódem advir á vida religiosa da Parochia.

A Parochia é uma grande familia que tem por chefe o parocho. Meninos ou jovens, pessoas de idade madura ou velhos decrepitos, ricos ou pobres, sãos ou enfermos, é elle o pae commum de todos, e a elle incumbe o cuidado de os encaminhar pelas veredas da salvação, até á casa do Grande Pae de Familia, onde todos iremos receber o justo salario no grande sabbado da vida.

E', pois, muito difficil, escabrosa e complicada a missão do sacerdote na sua Parochia, — quando elle, bem entendido, toma a peito o cumprimento exacto e integral dos multiplos deveres de seu cargo. Ora de que meios poderá elle soccorrer-se no desempenho d'esses deveres? As associações religiosas. Nos grandes centros, ou nas Parochias muito populosas, são ellas em grande numero: propagação da Fé, Santa Infancia, Filhas de Maria, circulos catholicos, conferenciss de S. Vicente, *chréche*, obra da cathechese, etc.; confrarias, archiconfrarias, irmandades do Santissimo Sacramento, do Rosario, das Almas, do Apostolado da Oração, etc., etc. Poderosos meios de acção religiosa, não ha duvida; mas quanta sollicitude, quantos cuidados, quanta incançavel actividade não é mistér para os approveitar? E, a par de todas essas incontestaveis vantagens, quantos inconvenientes não traz comsigo a sua mesma extraordinaria multiplicidade?

Em primeiro logar a diversidade de fins a que visam essas instituições, e que é motivo de que a conquista de um novo membro para alguma d'ellas não possa aproveitar-se para nenhuma das outras sem novo trabalho e novos exforços de propaganda. Ora, sendo muitas vezes temporaria a filiação de qualquer membro, por ser a instituição accommodada a uma particular condição de vida, sexo ou idade, é obvio que, para mantel-as florescentes a todas, é preciso um trabalho indefesso e incessante, nem sempre comportavel com as demais obrigações forçosas do ministerio parochial. Succede, por exemplo, que a congregação é especialmente destinada ás donzellas: a congreganista casou-se, a congregação perdeu um membro; para o aproveitar para uma associação de mães de familia, por exemplo, será mistér novo trabalho, novas instancias, novos exforços.

Em segundo logar, a fim de conservar em seu verdadeiro espirito essas instituições e obviar a que esmoreça o enthusiasmo e fervor, torna-se de absoluta necessidade fazer instrucções e conferencias, que devem ser preparadas particularmente para cada uma. Novo dispendio de tempo, trabalho, e forças.

Em terceiro logar o tempo absorvido em animar ou reanimar os membros da associação, organisar os trabalhos, discutir e deliberar, receber e visitar, etc.

Póde mesmo dar-se, posto que mais raro, um outro inconveniente, de consequencias ainda mais desastrosas; refiro-me ás animosidades latentes e rivalidades mesquinhas, que pódem nascer entre as diversas corporações, empecendo-lhes a acção, semeando discordias e desedificando os bons catholicos.

Ha, finalmente, a defecção facil dos associados, por falta de um vinculo estavel e perpetuo.

Como é que a Ordem Terceira dará remedio a estes inconvenientes?

Antolha-se-me em extremo facil a solução. Suppunhamos uma pequena Parochia, na qual não haja ainda nenhuma associação. Pela primeira communhão poderão as creanças ser admittidas, a titulo de postulantes da Ordem Terceira, ao cordão de S. Francisco. N'este estado permanecerão até aos 14 annos, sendo então admittidas ao noviciado da Ordem Terceira, e, passado um anno, á profissão, se derem provas satisfactorias que d'ella as tornem dignas.

Estes tres corpos, compostos de gente de acção e formando um só esquadrão unido, homogeneo, e aguerrido, poderiam depois ser facilmente aproveitados pelo parocho, em harmonia com as necessidades religiosas da Parochia. Que immensas e ponderosissimas vantagens não poderia um zêlo discreto e prudente auferir d'este esquadrão assim disciplinado?

Como a Terceira Ordem não é mais que a perfeita vida christã, sería facil habituar as creanças e os membros recentemente recrutados a consideral-a como o fim unico a que devem, n'este mundo, tender todos os seus exforços, em ordem á salvação eterna. Educados n'esta persuasão e firmes n'este ideal, ministrarão os elementos necessarios á formação d'uma fraternidade sólidamente organisada, e possuida do verdadeiro espirito christão e franciscano.

O Terceiro pertencer-vos-á por toda a vida; podereis contar para sempre com a sua acção. Um dia casa-se, é pae de familia; a donzella é esposa, é mãe: ambos, no entanto, continuarão a fazer parte de sua fraternidade, prestando, se não os mesmos serviços que até alli prestaram, ao menos outros consentaneos ao seu novo estado.

O zêlo e a tactica d'um parocho de iniciativa, amigo do trabalho, e animado de espirito apostolico, poderia tirar immensas vantagens d'uma familia assim constituida nomeando, no corpo mesmo da fraternidade, novas commissões e sub-commissões, ás quaes incumbiriam os differentes serviços, de catechése, assistencia aos enfermos, visitas aos hospitaes, etc. Creio bem que uma Parochia assim, renovaria em nossos dias o espectaculo da Egreja nascente.

Formulemos agora a hypothese de uma Parochia populosa, ou na qual já existam varias outras instituições de que não se possa prescindir. N'estes casos, o parocho exforçar-se-ia por fazer entrar na Ordem Terceira os membros principaes d'essas associações; faria mais: procuraria que o directorio ou discretorio da fraternidade fôsse constituido pelos diversos presidentes das outras instituições. Este discretorio reune-se todos os mezes, ou mais amiude, se fôr possivel; por essa occasião o parocho dará as suas instrucções, proporá á discussão o que julgar necessario, ouvirá os differentes alvitres, e tomará as opportunas resoluções, de cuja realisação se encarregarão os membros do discretorio, e presidentes de outras associações, cada um no seu respectivo ramo de serviço.

Esta união dos presidentes no corpo do discretorio da fraternidade, seria de molde a dissipar as animosidades e mal-entendidas rivalidades que por ventura existissem entre as differentes associacões. Esta communhão em um mesmo espirito, este trabalhar por um mesmo ideal, esta profissão perpetua da mesma regra, seria um penhor de vida para as differentes instituições.

Quão grande somma de trabalhos, exforços, e cuidados se não pouparia d'esta fórma?

Não duvido de que o pensar de Leão XIII sobre a Ordem Terceira se haverá inspirado em considerações tendentes a formar da Ordem Terceira um nucleo poderoso de forças catholicas, ao serviço da Egreja e da sociedade.

E' assim que a Ordem Terceira será verdadeiramente uma phalange de *Novos Machabeus*, firmes no seu posto em defeza da Egreja, e incansaveis na lucta contra os seus inimigos.

Acção franciscana

Congresso Franciscano Internacional. Projecta-se a celebração d'um para 1900, em Roma, aproveitando o ensejo do grande jubileu concedido este anno. Será uma revista em fórma, passada ás forças militantes da grande instituição franciscana.

A serem verdadeiras, como crêmos, as nossas informações, trabalha-se já muito activamente para levar a bom effeito a idéa.

Palestras familiares

Obrigações positivas. — «Eu não faço mal a ninguem; por consequencia não tenho nada de que accusar-me». E' muito frequente ouvir fallar assim. Não ha nada mais insensato do que similhantes palavras. E' muito bom não fazer mal aos outros; mas não basta isso: é mistér fazer-lhes bem. Não se cumprem as obrigações de bom christão se, ao passo que não se faz mal a ninguem, não se faz tambem ao proximo todo o bem que podemos e devemos fazer-lhe. Advertindo tambem que o devemos fazer *por amor de Deus,* que esse é o caracteristico da caridade christã.

Felicidade. — O que é preciso para sermos felizes n'este mundo onde os infelizes são em tão grande numero? — Pouco é preciso — duas coisas muito simples: um pouco do céo sobre a terra, e um pouco da terra para o céo. Que a lembrança de Deus esteja aqui comnosco, e que nosso coração esteja no céo com elle.

Eis o segredo da felicidade na terra. Ditoso do que souber comprehendel-o.

Santo Protector para o mez de outubro

B. Luiza de Saboia, *viuva, da* 2.ª *Ordem.* — Era filha do B. Amadeu, duque de Saboia. Depois de haver sido no mundo o modelo de esposas christãs, e a mãe desvelada dos pobres, foi no claustro, no convento de Orba, um exemplar de todas as virtudes. — Seu culto foi approvado pelo Summo Pontifice Gregorio XVI.

Virtude a imitar

O amor dos pobres. — Quem dá aos pobres, empresta a Deus, diz-se vulgarmente. E por outra parte, o mesmo Senhor, no dia da conta, olhará como feito á sua Divina Pessoa, tudo que n'este mundo fizermos aos pobresinhos. Por um copo de agua dado por seu amor, promette uma corôa de gloria eterna no céo. Será preciso mais para nos persuadir a dar esmola?

A esmola chega mesmo a ser uma obrigação grave, em certas circumstancias. E' preciso, porém, saber fazel-a como quer Nosso Senhor: de modo que a mão esquerda não saiba o que faz a direita. No dia de hoje é tão desconhecida esta doutrina!...

Absolvição geral

No dia 4. — Festa de N. Seraphico Patriarcha, S. Francisco.

Um enterro na

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1 — No dia 4 festa de *Nosso Seraphico Padre S. Francisco,* inclyto fundador das tres Ordens.

2 — No dia 6, S. Maria Francisca, virgem da 2.ª Ordem.

3 — No dia 13, Santos Daniel e companheiros martyres da 1.ª Ordem.

4 — No dia 19, S. Pedro de Alcantara confessor da 1.ª Ordem.

Parciaes:

1 — Em cada dia do mez, 300 dias de indulgencias.

2 — Nos dias 6, 13, 20, 27, cem dias de indulgencias.

s Catacumbas

3 — Nos dias 1, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28 e 29, 198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — Nos dias 4, festa de N. P. S. Francisco; 6, Santa Maria Francisca; 13 Santos Daniel etc.; 19, S. Pedro de Alcantara; 23, S. João de Capistrano; 31, S. Felix de Cantalicio, capuchinho, 256 annos, e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias, requer-se a visita d'uma egreja franciscana, ou d'outra qualquer ordem mendicante, e que se rezem ahi tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri* em honra da SS. Trindade.

Os fieis que assistirem á recitação do *Rosario, ladainha e benção do SS. Sacramento* durante todo o mez de outubro, satisfazendo d'este modo aos desejos do Augustissimo Papa Leão XIII, manifestados em dois decretos da S. Congregação dos Ritos, datados do dia 20 de agosto de 1885, e 26 de agosto de 1886, pódem ganhar as indulgencias seguintes, pedindo ao Altissimo se digne melhorar *a tristissima situação da Egreja Catholica*, e conceder *plena liberdade ao Summo Pontifice:* 1 indulgencia de *sete annos e sete quarentenas* assistindo a recitação *publica* do *Rosario;* e os que não poderem assistir pessoalmente, pódem igualmente ganhar esta indulgencia rezando o rosario *em particular*: 2.º indulgencia *plenaria* a os que durante o mez de outubro, assistirem, *pelo menos dez vezes* á recitação publica da *Rosario*, ou não podendo assistir, o rezarem em particular *outras tantas* vezes, contanto que uns e outros se tenham confessado e recebido a sagrada communhão: 3.ª indulgencia *plenaria* áquelles que, tendo confessado seus peccados e recebida a Sagrada Eucharistia, orarem a Deus e á sua SS. Mãe, em logar sagrado segundo a mente de Sua Santidade.

Estas indulgencias porém, não são applicaveis ás almas do purgatorio.

Os fieis que recitarem a oração a S. José no fim do *Rosario* todos os dias do mez de outubro ganham a indulgencia de *sete annos e outras tantas quarentenas;* por concessão porém do actual Pontifice Leão XIII, pódem ganhar mais *trezentos dias* uma vez cada dia, ainda que a recitem em particular, e esta indulgencia é *applicavel* ás almas do purgatorio.

Além de todas estas indulgencias pódem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes:

Uma plenaria em qualquer dia do mez á sua escolha; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias: outra *plenaria* na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e, não podendo assim, invocando-o só mentalmente; mais uma nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso, Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Egreja; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias* e seis *Gloria Patri* com todas as mais indulgencias de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma egreja franciscana, pódem lucrar-se, onde não houver taes egrejas, visitando a egreja onde está erecta a respectiva

fraternidade, ou, na falta d'ella, a egreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que tanto estás indulgencias como qualquer outra obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor de almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XIX

Colhem e furtam as uvas da vinha do parocho de Rieti em cuja casa se hospedara S. Francisco. — Promette-lhe este maior abundancia de vinho que até alli. — Revela Deus a S. Francisco a salvação d'este seu devoto.

ESTANDO uma vez S. Francisco gravemente doente dos olhos, Ugolino, Cardeal Protector da Ordem, pela grande estima que lhe dispensava, escreveu-lhe que viesse ter com elle a Rieti onde havia optimos medicos d'olhos. S. Francisco, recebida a carta do Cardeal, foi primeiro a S. Damião, onde era Santa Clara, devotissima esposa de Christo, para dar-lhe alguma consolação, e para depois ir ter com o Cardeal. Sendo ainda ahi, peorou dos olhos na noite seguinte de tal fórma, que nada via; pelo que não podendo partir, Santa Clara lhe armou uma cellasinha de caniço em que mais a seu commodo podesse repousar. Mas S. Francisco, trabalhado das dôres da enfermidade e perturbado pela multidão de ratos que lhe faziam muita afflicção, de modo algum podia repousar, nem de dia nem de noite. E soffrendo cada vez mais com aquella pena e tribulação, começou a pensar e a conhecer que aquillo era um flagello de Deus pelos seus peccados; e desatou a louvar a Deus com o coração e com a bocca, rematando por dizer em alta voz:

«Senhor meu, digno sou d'isto e de muito peór! Meu Senhor Jesus Christo, Bom Pastor, que por nós peccadores te dignaste sujeitar a diversas penas e angustias temporaes, concede-me a graça e virtude, a mim tua ovelhinha, de me não apartar de Ti por nenhuma enfermidade, angustia, ou dôr!»

N'isto rompeu do céo uma Voz que dizia: «Francisco, responde-me: Se toda a terra fôsse ouro, e todos os mares e fontes e rios fôssem balsamo, e todos os montes, collinas e as mesmas rochas fôssem pedras preciosas, e tu achasses um outro thesouro mais nobre que estas cousas, quanto o ouro é mais nobre que a terra e o balsamo que a agua, e as pedras preciosas mais que os montes e as rochas, e te fôsse dado, a troco d'esta enfermidade, esse mais nobre thesouro, não deverias estar bem contente e jubiloso?»

— Senhor, volveu S. Francisco, indigno sou de tão precioso thesouro.

Entretanto a voz de Deus lhe dizia: «Alegra-te, Francisco, que esse é o thesouro da vida eterna que Eu te reservo e cuja envestidura te hei de dar; por gage d'esse riquissimo thesouro ahi tens a enfermidade e afflicção presente.» Depois chamou S. Francisco o companheiro e jubilando de tão gloriosa promessa disse: «Vamos ter com o Cardeal.» — E consolando-o Santa Clara com celestes palavras e tendo-se humildemente despedido d'elle, tomou o caminho em direitura a Rieti. E quando ahi chegava, fez-se-lhe encontradiça multidão tamanha de povo que lhe esmoreceu o desejo de entrar na cidade; mas recolheu-se a uma egreja que ficava d'esta distante por volta de duas milhas. Sabendo os habitantes que era na dita egreja, accorreram tantos a vêl-o que uma vinha proxima á egreja ficou toda devastada e as uvas colhidas: o que sobremaneira affligiu o padre ficando muito pezaroso de ter recebido S. Francisco na sua egreja. Sendo de Deus revelado a S. Francisco o pensamento do padre, fel-o chamar a si e disse-lhe: «Padre carissimo, quantas cargas de vinho te rende esta vinha no anno em que está de melhor render?»

— Doze cargas, acudiu o padre.

— Peço-te, volveu S. Francisco, que soffras pacientemente a minha estada aqui por alguns dias, porque aqui acho muito repouso, e deixa que todas as pessoas colham uvas d'esta tua vinha, e isto por amôr de Deus e de mim pobresinho, que da par-

te do meu Senhor Jesus Christo te prometto, que te renderá todos os annos vinte cargas.

E isto fazia S. Francisco pelo grande fructo que a olhos vistos produzia nas almas dos que alli vinham: muitos dos quaes se partiam embriagados do divino amôr, e abandonavam o mundo. Fiou-se o padre na promessa de S. Francisco, e franqueou liberrimamente a vinha aos que iam ter com elle. Maravilhosa cousa! A vinha foi toda devastada, de maneira que mal se viam aqui e acolá alguns cachos d'uvas. Veio o tempo da vindima, o padre colheu os taes cachos, recolheu-os em dorna, depois ao lagar, e, segundo a promessa de S. Francisco, deram vinte cargas d'optimo vinho. Por este milagre manifestamente se deu a entender que assim como pelo merito de S. Francisco a vinha esbulhada d'uvas foi abundante em vinho, assim o povo christão esteril de virtude pelo peccado, pelos meritos e doutrinas de S. Francisco muitas vezes abundava em bons fructos de penitencia.

CAPITULO XX

D'uma bella visão que teve um frade joven o qual abominava tanto o habito que estava disposto a deixal-o e sahir da Ordem.

Um joven nobre e delicado veio para a Ordem de S. Francisco; alguns dias andados, por instigação do demonio começou a ter em tanta abominação o habito que trazia, que lhe parecia envergar um sacco villissimo; horrorisavam-n'o as mangas, pezava-lhe de mais o capuz, a sua largura e aspereza pareciam-lhe um fardo incomportavel. Ia-lhe cahindo cada vez em mais desagrado a Ordem, até que alfim deliberou deixar o habito e tornar ao mundo. Tinha este já em uso, conforme lhe havia ensinado seu mestre, todas as vezes que passava deante do altar do convento no qual se conservava o Corpo de Christo, ajoelhar-se com grande reverencia, tirar o capello, e com os braços cruzados, prostrar-se. Na noite, na qual devia partir e sahir da ordem, succedeu de passar por deante do altar do convento; e passando, como de costume ajoelhou-se reverentemente.

E, a subitas, foi arrebatado em espirito, sendo-lhe de Deus mostrada maravilhosa visão: viu ante si multidão quasi infinita de Santos, a dois processionalmente, entrajando bellissimas e preciosas roupagens de seda, o rosto e as mãos esplendiam-lhes como o sol, e caminhavam ao compasso de canticos e harmonias angelicaes.

Entre os santos avultavam dois mais gentilmente vestidos e adornados que todos os outros; cercava-os tal claridade que davam admiração grande em quem os olhava; e quasi no cabo da procissão viu um decorado de tanta gloria, que parecia cavalleiro novo, mais afamado que os demais. Presenciando o joven esta visão, maravilhava-se e não sabia o que queria dizer tal procissão, e faltando-lhe os espiritos para perguntal-o, permanecia dôcemente enleado.

E tendo-se, no etretanto, escoado a procissão, cobra animo e corre atraz os derradeiros, e com temor grande lhes pergunta, dizendo:

— Carissimos, exoro-vos que vos praza dizer me quem são esses maravilhosos varões que alli vão em procissão tão veneranda!

— Sabe, filho — responderam — que somos todos Frades menores que ora vimos da gloria do Paraizo.

— Quem são aquelles dois — insiste o joven — que sobreesplendem a todos os demais?

— São estes S. Francisco e Santo Antonio — tornaram elles — e o ultimo que viste assim coroado de gloria, é um santo frade que ha pouco morreu; o qual, porque denodadamente combateu contra as tentações e perseverou até ao fim, nós o levamos com triumpho á gloria do Paraizo. Estas vestes de seda tão bellas que envergamos, fôram-nos dadas por Deus a troco das asperas tunicas que pacientemente traziamos na Ordem, e os esplendores gloriosos que em nós admiras fôram-nos outorgados pela humildade e paciencia, pela santa pobreza, obediencia e castidade que nós até ao fim guardamos.

Por isso, filho, não te seja duro trazer o habito da Religião que tão fructuoso é; porque, se com o burel de S. Francisco por amôr de Christo desprezares o mundo e mortificares a carne, terás comnosco similhante vestido e taes resplendores de gloria.

Ditas estas palavras, o joven tornou em si. Confortado por esta visão repulsou todas as tentações, confessou sua culpa ante

o guardião e os frades; e d'alli em diante desejou a aspereza da penitencia e dos vestidos, e acabou a sua vida na Ordem em cheiro de santidade.

Pensamentos

O universo é o templo magestoso que celebra a gloria de Deus. Os céos são a abobada arrojada d'esse vastissimo templo, o sol é a lampada suspensa da cupula do sanctuario, as luzes são as estrellas, o incenso o perfume das flôres, e os hymnos — esses escutae-os no trinar das aves, logo ao abrir da manhã, no ciciar da brisa, no marulhar do rio, no estalar da onda que se debate tumente contra a rocha cavada da praia, e até no mysterioso silencio do deserto, interrompido, de quando em quando, pelo rugir assustador da féra indomita.

MR. RODRIGUES VIANNA, *Confer. de 1884.*

♦

Todo o homem que chega a ser velho, morre seis vezes. Passando da infancia á puericia, morre a infancia; passando da puericia á adolescencia, morre a puericia; passando da adolescencia á juventude, morre a adolescencia; passando da juventude á virilidade, morre a juventude; passando da virilidade á velhice, morre a virilidade, e finalmente acabando de viver com tantas mortes, morre a velhice.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

♦

O passaro é um animal volatil, o peixe é um animal nadador, o reptil é um animal rasteiro, o elegante é um animal... elegante.

C. C. BRANCO.

ANECDOTAS

Em que pensaes agora? perguntaram a um sabio, que á hora da morte se havia convertido a Deus.

— Penso, disse com voz commovida, que o inferno está cheio de talentos, e o céo de virtudes.

♦

Um hespanhol ouvindo contar, que o calor dos tropicos era tão intenso, que os ovos expostos aos raios solares ficavam fritos como ao lume, exclamou:

— Isso não é nada. Uma noite de julho em Sevilha convidei uns amigos para ceiar; mas como era tarde e não tinha lume em casa, cosi uns ovos á luz da lua.

* Leituras amenas *

Um episodio da vida de D. Bosco

A *Generala* é um vasto carcere que ha em Turim, destinado á reclusão de rapazes menores de vinte annos. Os detidos passam a noite em cellas separadas e sem communicação mutua, e durante o dia trabalham, ora na agricultura, ora em qualquer arte mechanica, sempre sob a vigilancia de guardas austéros, que não os deixam um momento.

Rixas, desavenças, actos de indisciplina, attentados contra os bons costumes, eram coisas muito vulgares alli; mas, sendo pelo governo confiada a direcção e superintendencia da prisão á sociedade de S. Pedro *Ad Vincula*, houve D. Bosco permissão de penetrar n'aquelle recinto do crime e da miseria, e ensinar a religião aos pobres encarcerados. Instruia-os com o maior affecto, tratava-os e cuidava d'elles com desvelo inegualavel, confessava-os, brincava com elles nas recreações, queria-lhes, emfim, como se fôram filhos seus.

Os desgraçados, pouco habituados a achar quem se interessasse por elles, vêndo-se agora tratados com ternura tão exquisita, acostumaram-se a vêr n'elle um pae sempre desvelado e sollicito, empenhavam-se em testimunhar-lhe a mais cordeal estima e sympathia e procuravam pôr por obra os conselhos que lhes dava.

D. Bosco chegou a ter sobre elles um tal ascendente, uma influencia tão excepcional, que alcançava d'elles quanto queria, realisando coisas surprehendentes, nas quaes, por vezes, se evidenciava a intervenção sobrenatural.

Uma vez, fazendo os exercicios espirituaes aos presos, foi ouvido com tal attenção e respeitoso carinho, e ficou tão satisfeito e edificado, que se resolveu a agenciar-lhes um premio condigno a seu bom comportamento. Foi-se ao intendente da prisão e rogou-lhe a devida permissão para

dar, com os encarcerados, um passeio ao parque real de Stupinigi (1).

Para o prisioneiro, um passeio ao ar livre, bem longe do recinto ominoso da sua prisão, é de mais valor que o mais ambicionado thesouro. O intendente, porém, tomou a riso a pertensão do fervoroso apostolo, e negou-lhe despacho favoravel, como se aquillo fôra sonho de visionario, ou lembrança impertinente de louco.

Mas D. Bosco já sabia por experiencia que, para realisar grandes intentos, não basta um ou outro passo, e que mais meritorio é o que maior trabalho nos custa; foi-se pois ao governador de Turim e lhe fez a mesma supplica. «Mas, volve-lhe estupefacto o magistrado, é possivel que o snr. me falle a serio?

— Com toda a seriedade; e instantemente peço seja servido de me conceder o que demando.»

Durou muito a entrevista. Por fim o governador, a quem mais sobejava a vontade de rir-se do que a paciencia para aturar similhantes impertinencias, escusando se com a inflexibilidade do regulamento, concluiu promettendo que fallaria ao ministro.

O ministro, Urbano Ratazzi, ouviu não sem estranheza, o pedido apresentado em nome do zeloso sacerdote; mas, como quer que já, por outros lances similhantes, bem conhecia a D. Bosco, respondeu que queria vêl-o. Apresentou-se elle, com effeito, n'aquella attitude humilde, simples e franca, que n'elle era habitual, inalteravel deante do pobre aldeão, como na presença do mais illustre personagem. O ministro recebeu-o com a maior cordialidade; mas, fallando ácêrca do assumpto, respondeu: «Pede-me vossa Reverencia um impossivel.»

—Não, Excellencia; permitta-me o insistir: as disposições dos prisioneiros são excellentes; estou seguro de sua docilidade, e, por minha fé, assevero-vos que nem um só abusará de minha confiança...

D. Bosco soube fallar com tanta eloquencia, que por fim conseguiu persuadir o ministro, o qual outorgou o favor pedido.

«Bem: accedo, mas dar-lhe-ei cincoenta policias secretos, que vão a alguma distancia, para que, se fôr preciso, recorra ao seu serviço.»

(1) Pequena aldeia a pouca distancia de Turim.

O ministro pronunciára estas palavras com accento grave e pausado, como que se persuadia de que deixava completamente satisfeita a petição de D. Bosco. Mas elle acudiu:

«Agradeço reconhecido a bondade de V. Exc.ª, mas permitta-me recusar a ultima parte do seu favor. Eu sou o unico responsavel e offereço-me a entrar na prisão, caso occorra a mais pequena desordem.

— Não crê então que algum tente evadir-se?

— Não tenho n'esse ponto o mais leve receio.

Occoreu então um phenomeno extraordinario: o ministro Ratazzi, desejoso de tentar a prova, não duvidando certamente de que seria muito facil colher de novo aos que tentassem fugir, e, mais que tudo, plenamente confiado nas palavras de D. Bosco, acceitou a proposta.

Na vespera do memoravel successo, D. Bosco apresentou-se aos prisioneiros e fallou-lhes da seguinte fórma:

«Meus filhos: venho a dar-vos uma boa noticia: em premio da benevolencia que tendes usado para commigo; em premio do vosso bom comportamento, ha tempo a esta parte; e em premio sobretudo, da vossa correspondencia a meus trabalhos nos exercicios espirituaes, visitei ao snr. governador e ao snr. ministro, e d'elles houve licença para levar-vos ámanhã a passeio ao parque real de Stupinigi.»

Os pobres, ao ouvir tal nova, que estavam longe de esperar, prorromperam em gritos atroadores de surpreza e alegria. Restabelecido o socego, continuou D. Bosco: «Bem comprehendeis quão grande é este favor, que pela vez primeira se vos concede.

— Viva D. Bosco! Viva o ministro! Exclamaram todos em uma só voz.

— Sim, viva o ministro; mas adverti bem n'isto que vou a dizer-vos: Empenhei minha palavra de que todos vós, do primeiro ao ultimo, vos havereis de tal modo, que não haverei de mistér nem soldados nem policias; empenhei minha palavra de que nem um só deixará de voltar ámanhã a este logar. Poderei estar tranquillo? Poderei estar seguro de que nenhum tentará fugir?

— Sim, sim, póde estar seguro; todos nos havemos de portar muito bem», responderam em côro unanime. Um dos mais

crescidos accrescentou: «Cuidado! Se algum intentasse fugir, eu correria atraz d'elle e alli mesmo havia de afogal-o como quem afoga um pardal». — «E eu, ajuntou outro, lhe racharia a cabeça com uma pedra». — Não tornaria vivo a casa, griton um terceiro».

— Basta, basta, continuou D. Bosco; essas palavras são duras e esse zêlo demasiado. Confio em cada um de vós, sei que me estimaes, e estou certo de que me não dareis nenhum desgosto. A cidade de Turim ha de ámanhã ter os olhos postos em vós; qualquer falta d'um só cahiria sobre todos, e sobre mim particularmente, que vos alcancei esta graça; accusar-me-ão de imprudente e crédulo em demasia, pois me deixei illudir com promessas inconstantes de rapazes. Por outra parte, de que vos approveitaria uma fuga? A policia vos descobriria no dia seguinte, e vos faria pagar cara a vossa leviandade com uma prisão mais rigorosa. Pelo contrario: vosso bom procedimento ha de conquistar-vos o applauso geral, e será recompensado com novos favores. Mas áparte estas considerações humanas, não é verdade, meus filhos, que promettestes a Deus nunca mais o offender? Elle vos contempla do céo, ancioso de conceder-vos mais copiosas bençãos, se d'ellas vos mostraes dignos; dae-lhe ámanhã uma prova manifesta da firmeza de vossas resoluções. E então, todos bem comedidos: nenhuma desobediencia, nenhuma rixa, nenhuma altercação. Quereis promettel-o assim?

— Sim, sim, todos promettemos — palavra de gente honrada. O senhor Padre D. Bosco ha de ser ámanhã o nosso general em chefe, ajuntou um; e ha de vêr como nenhum general teve nunca soldados mais fieis e disciplinados.

Quando D. Bosco lhes deu as boas noites, aquelles orphanados da fortuna não cabiam em si de contentes.

Na manhã seguinte, após a missa, abriram-se as portas do presidio, e sahiram os trezentos prisioneiros, radiantes de alegria, conduzidos tranquilamente só por D. Bosco. Não os acompanhava nem um soldado; todos iam soltos e em completa liberdade. Fervia-lhes o sangue nas veias, e no rosto de cada um lia-se a mais indizivel, a mais completa alegria. O dôce regosijo, a grande satisfação do sacerdote parecia reflectir-se em todos elles, bem como os alamos altaneiros se reflectem no verde-escuro do brando arroio.

Nunca os pobres incarcerados haviam dado passeio mais formoso, nem que lhes fizesse experimentar as dôces e suaves emoções que então sentiram.

Haviam tomado o caminho de Stupinigi; chegados alli, dispersaram pelos atalhos, pelos campos e bosques visinhos do castello; sentavam-se á sombra das arvores e junto das aguas serenas do lago; jogavam, saltavam, divertiam-se; comiam e entregavam-se ao mais delicioso passatempo, á mais espontanea e irrequieta alegria.

O gôso da expansiva liberdade fizera-lhes esquecer a tristeza e obscuridade do carcere. E' impossivel descrever as scenas de regosijo, as impressões dos pobres criminosos n'aquelle dia; o certo é, porém, que não houve o mais pequeno desmando ou sombra de desordem. A grande preoccupação de todos era rodear de ternas manifestações o bom sacerdote; e assim foi que, como notaram que se apoderava d'elle o cançaço, descarregaram ao animal que levava as provisões, e n'elle fizeram montar a D. Bosco, sem lhe permittir sequer o trabalho de levar as rédeas. Os cestos das provisões, os mesmos jovens se encarregaram de leval-os aos hombros.

O ministro esperava com impaciencia o resultado da aventura. Não obstante a confiança que D. Bosco lhe inspirava, não podia sentir-se tranquillo de todo.

Pela tarde, de volta ao carcere, passou-se revista geral: de trezentos que eram, nem um faltou!

D. Bosco foi, sem perda de tempo, fallar a Ratazzi, para dar-lhe conta do resultado.

O ministro, maravilhado e attonito, respondeu simplesmente: «Fico-lhe muito grato por tudo quanto tem feito em favor de nossos prisioneiros; desejára, porém, saber como lhe foi possivel obter uma tal influencia, que oxalá ao Estado fôsse dado alcançar.

— A força que tem o sacerdocio catholico, bem o sabe v. exc.ª, é toda moral; o Estado ordena e castiga, nós fallamos principalmente ao coração, e nossa palavra é a palavra de Deus.»

O ministro deveu comprehender que a Egreja possue uma fôrça mysteriosa, superior a todo o recurso humano, e a quanto possa intentar-se para abatel-a.

CULTO DE S. ANTONIO

Novos membros da Pia União

Patriarchado		12
Lisboa	2	
Torres Novas	10	
Arcebispado de Braga		292
Braga	1	
Guimarães	35	
S. Miguel de Creixomil	14	
S. Torquato	17	
Roças	16	
Cepaes	4	
S. Martinho de Campo	13	
Santo Estevão de Briteiros	5	
Vermoim	8	
Santo Estevão de Urgezes	3	
Penticiro	4	
Villarinho	2	
Roriz	6	
S. Mamede	11	
Guardizella	4	
S. Jorge de Vizella	2	
S. Thomé de Caldellas	14	
Santa Marinha da Costa	6	
S. Lourenço de Cima de Selho	7	
Golaes	8	
Santo Estevão de Barrosas	12	
Campellos	7	
Armil	10	
Serredo	5	
S. João da Ponte	11	
Pencello	5	
S. Christovão de Selho	20	
Gondar	13	
S. Clemente de Sande	6	
Silvares	18	
S. João de Brito	4	
Diocese de Portalegre		23
Portalegre	23	
Diocese do Porto		100
Santo Ildefonso	6	
Santa Comba	2	
Penafiel	5	
Felgueiras	47	
Villa Nova de Gaya	8	
Villa Fria	6	
S. Martinho de Recezinho	6	
S. Jorge de Vizella	7	
Arouca (Santa Eulalia)	2	
S. Pedro de Casaes	11	
Diocese de Coimbra		138
S. Simão da Junqueira	88	
Agueda	2	
Varias partes	48	
Diocese de Bragança		24
Bragança	11	
Vinhaes	13	
India Portugueza		1
Gôa	1	
Brazil		2
Rio de Janeiro	2	
Varias partes	38	
Associados do numero de julho	131:212	
Total dos associados		131:842

BRAGA

PETIÇÕES E GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso S. Antonio. — E' com o coração cheio de confiança e fé nas vossas grandes virtudes e no grande poder que tendes perante o throno de Deus que vos concede tudo quanto lhe pedis, que eu recorro a vós meu milagroso Santo para que me alcanceis do mesmo Deus e da SS. Virgem as graças que vós vêdes que eu mais necessito para a salvação da minha alma. Alcançae-me de Deus a graça d'um bom genio, amor pela santa religião e cousas de Deus, e agora que estou proximo a casar-me fazei de mim um esposo verdadeiro e digno e dae-me forças, para que com vosso auxilio possa cumprir bem os deveres que me impõe o santo sacramento do matrimonio. Fazei depois nascer no meu lar a paz e harmonia e a santa felicidade domestica. Vós que sois tão amigo dos vossos pobresinhos, e pelo amor que lhes tendes é que attendeis ás supplicas que vos são dirigidas, por esse amor vos peço que attendaes ás minhas e me tomeis para vosso pobresinho favorecendo-me sempre com a vossa graça e protecção durante toda a minha vida. E para agora peço-vos então meu amado Santo que permittaes o alcançar-me de Deus todos os meios de que necessito para a realisação do meu casamento e que vós bem sabeis quaes são e vos peço tambem para que eu melhore de collocação no meu emprego e meu ordenado, que agora é diminuto, alcançando da pessoa que pede por mim aquillo que a ella lhe pedi. Se isto alcançar, prometto dar immediatamente para o pão dos vossos pobresinhos a esmola de 200 réis, e continuar a dar sempre o que poder. Peço-vos mais, milagroso Santo, que permittaes me saia em qualquer loteria o dinheiro, que agora preciso para encobrir as despezas, que me trazem a minha mudança de estado.

Prometto rezar-vos todos os dias 7 Padre Nossos, 7 Ave Marias e 7 Gloria Patri, em honra do vosso santo nome e nunca faltar a esta promessa. Tenho sido muito mau, bem o sei, mas agora arrependo-me e tenho vontade de ser bom, por isso vos peço o vosso auxilio para este fim. Vós que tantas graças tendes concedido, vós que tudo alcançaes de Deus, querendo, obtei-me tambem para mim estas que vos peço. Pelo vosso amor ao menino Jesus, pelo muito amor a Maria Santissima, pelos sacrificios que fizestes para prégar e propagar a doutrina de Jesus Christo por tudo quanto vós amaes eu vos peço que me attendaes nas minhas petições. Meu querido Santo, não vos esqueçaes de mim, que prometto não tornar a esquecer-me de vós. Envio-vos já 100 réis para os vossos pobres. — Porto, 3—8—99.

Um devoto vosso que já algumas vezes foi ouvido e attendido por vós.

— Glorioso S. Antonio. — Confiados no bem que tendes feito depois da vossa morte, e nas mi-

lagrosas curas que fizestes durante vossa santa vida, ouso, peccadora como sou, pedir-vos um grande favor: em nome de Deus e pelo amor que dedicaes á Virgem Santissima Vossa Gloriosa Senhora intercedei, pedi, rogae ao Nosso Creador que para Sua maior honra e gloria, para salvação da minha alma e conversão dos peccadores se digne permittir, que eu seja curada do meu mal, que creio ser molestia do coração, d'este zunido nos ouvidos, e que me desappareça este tumor que tenho na pescoço. Pela gloria de que gozaes pedi tambem a Maria Virgem Immaculada que me tome debaixo da Sua Santissima protecção, ás minhas filhinhas e a todos os meus parentes e que obtenha a conversão de meu pae e meu marido, fazendo tambem que este me torne a levar a Lourdes, (logar por ella abençoado), em setembro. Se não fôr da vontade do Altissimo o que peço, alcançae-me a resignação. Oh glorioso Santo, espero não despreseis a minha supplica, por eu ser tão grande peccadora, pois vos prometto confessar-me por estes dias e procurar emmendar a minha vida, de modo que, de hoje para o futuro só dê bons exemplos ás minhas filhas e a quem commigo conviver.

Inspirae-me sempre o que mais vos agrada. 10-8-99. — *L. S. G.*

— Meu milagroso S. Antonio. — Peço-vos humildemente a graça de eu melhorar ou pelo menos passar-me esta grande dôr que me continúa a dar. E se eu não tiver de andar com tractamento e a dôr me passar no espaço de 15 dias, dou-vos, meu milagroso Santo, 1$000 réis, para o pão dos vossos pobres, assignando-me vossa devota que prometto sempre ser d'ora avante. Braga, 18—8—99. — *M. R. S.*

— Glorioso S. Antonio. — Sabendo de tantos milagres que tendes feito a vossos devotos, venho pedir-vos a graça de me admittir n'esse numero, rogando-vos me façaes o que eu trago no meu pensamento e que vós sabeis. Glorioso S. Antonio ajudae-me n'isto que vos peço, para que cheia de reconhecimento vos envie para o pão dos vossos pobresinhos a quantia de 800 réis. Espero ser attendida n'este pedido por todo este mez. *Vossa serva.* — *A. S.*

— Meu querido S. Antonio. — Um padre que no seu tempo de estudante foi, como vós sabeis, vosso devoto fervoroso, acha-se gravemente doente, desde o dia 30 de janeiro do anno corrente, e quasi sem esperanças de poder curar-se, não obstante ter consultado muitos e distinctos medicos. Pede-me para eu vos escrever esta carta em seu nome, visto elle a não poder fazer por falta de vista, que lhe roubou quasi por completo a sua terrivel infermidade. Meu querido Santo, com o coração cheio de fé na vossa protecção, espero que me alcanceis do nosso amavel Jesus a minha saude perdida.

Se isto me alcançardes, eu vos prometto continuar a ser d'ora avante vosso devoto, dando todos os annos uma esmola para o pão dos vossos pobresinhos, e logo em seguida á minha cura vos prometto dar immediatamente 10$000 réis, para os vossos pobresinhos.

— Meu amavel S. Antonio. — Venho a vossos pés implorar a vossa protecção bemdita. Attendei-me, meu milagroso Santo, e fazei cessar a calamidade que nos persegue.

Fazei, meu amado Santo, terminar o soffrimento a que se vê exposta a cidade do Porto. Pelo vosso poder bemdito, pela vossa bondade santa, velae por nós e permitti que dentro d'um mez cesse por completo toda esta calamidade, e a cidade da Virgem se veja liberta da calamitosa peste e de todas as más intenções. Restitui o socego, dae-nos a paz da nossa alma atribulada, meu muito amado S. Antonio, e attendei-me no que vos supplico de joelhos, convicta da vossa intercessão pela nossa tranquillidade. Meu S. Antonio supplico-vos contrictamente e para os vossos pobres offerecerei 500 réis. Vêde as lagrimas de desespero, vêde, meu amado Santo, a triste sorte nossa e fazei cessar sem perdas de vidas esta desgraçada situação. Espero alcançar a petição humilde, que vos faz esta vossa devota.

— Meu milagroso Padre S. Antonio. — Peço-vos nos concedaes a graça de nos sahir na loteria, se fôr do divino agrado de N. Senhor Jesus Christo, e se fôr a grande, promettemos nós ambas as interessadas de vos dar a quantia de 50$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Peço-vos, meu milagroso Santinho que nos concedaes esta graça em favor do Menino Jesus e das almas do Purgatorio. Vós bem sabeis qual é a minha necessidade. Vejo-me rodeada de filhos e sem meios de subsistencia e sem o vosso auxilio não poderei viver. Eu só quero que vós me ajudeis a pagar a quem devo para viver livre de vergonhas do mundo. pois como vós sabeis sou uma infeliz viuva, rodeada de filhos e com especialidade muito preciso de pagar a quem devo e não tenho meios para isso. Prometto de me confessar e commungar ámanhã e principiar a fazer-vos a trezena ás terças-feiras. Isto vos pede uma devota vossa, muito crente nos vossos milagres.

— Meu glorioso Santo. — Cheio de confiança, venho hoje a vossos pés pedir-vos a graça de alcançardes de Jesus, que aquelle enfermo que vós sabeis se ache perfeitamente restabelecido e regresse ao seio de sua familia até ao dia 15 do corrente. Se vós me alcançardes isto, prometto mandar-vos dizer uma missa de 500 réis, indo assistir a ella o pessoal da casa do enfermo e mais alguem. E para maior honra e gloria do vosso nome, prometto mandal-a publicar na *Voz de S. Antonio.* — *Um Terceiro V. M. M. M. C.*

— Meu glorioso S. Antoninho, de quem sou muito devota. — Reconhecida venho agradecer-vos o grande milagre que me fizestes. Elle era tão grande que muitas vezes cheguei a desconfiar de não ser attendida, do que vos peço perdão e desculpa. Já cumpri como sabeis o que vos prometti. Meu glorioso Santinho, as necessidades são tantas que nunca deixo de vos importunar, e por isso mais uma vez vos peço, que attendaes ás supplicas que agora vos faço nas trezenas de terças feiras, que agora ando a fazer. Bem sabeis que depende da salvação das almas, que vós sempre tivestes tanto em vista. — *Vossa devota.*

— Em cumprimento da minha promessa, glorioso e amavel S. Antonio, venho satisfazer a minha offerta da pequena quantia de 1$000 réis para o pão dos vossos pobres, e ao mesmo tempo rogar-vos encarecidamente, para que assim como me attendestes no pedido que vos fiz e por cuja causa eu satisfaço a esta promessa, assim tambem me attendaes d'hoje para o futuro, intercedendo